



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 17 – Ano IX – 05/2020  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **CAPACITAÇÃO DE ENFERMEIROS PARA APLICAÇÃO DA ESCALA NIHSS EM UM HOSPITAL PÚBLICO DA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS**

Ághata Barbosa Ramalho Caldeira  
Bacharel em Enfermagem pela UFVJM  
Discente da Residência Multiprofissional em Saúde, Programa urgência e trauma  
pela Secretaria Municipal de Saúde de Contagem/MG  
<http://lattes.cnpq.br/1317343872707887>  
E-mail: [aghatabarbossa05@outlook.com](mailto:aghatabarbossa05@outlook.com)

Marcio Rodrigues Pereira da Silva  
Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Ciências da Vida – FCV  
Discente da Residência Multiprofissional em Saúde, Programa urgência e trauma  
pela Secretaria de Municipal de Saúde de Contagem/MG  
<http://lattes.cnpq.br/1335185691633673>  
E-mail: [marciorodrigues555@hotmail.com](mailto:marciorodrigues555@hotmail.com)

Ledna Bettcher  
Enfermeira pela Universidade Federal de Minas Gerais  
Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
Doutoranda em Ciências da Saúde pela IUNIR / Argentina / Rosário  
<http://lattes.cnpq.br/7293749377200374>  
E-mail: [lednabettcher@gmail.com](mailto:lednabettcher@gmail.com)

Renato Ramos Coelho  
Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco e  
Doutor em Ciências em Engenharia Civil pela UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/3439564538555528>

E-mail: [renatorcoelho@coc.ufrj.br](mailto:renatorcoelho@coc.ufrj.br)

**Resumo:** O AVC tem sido objeto de pesquisa da enfermagem, pois o adoecimento causado exige cuidado especializado, entre eles o monitoramento neurológico utilizando a escala NIHSS. O Objetivo do trabalho foi capacitar os enfermeiros dos setores do pronto-socorro e UTI para aplicação da escala. Trata-se de uma pesquisa survey, descritiva, transversal e de natureza intervencionista, realizado no período de março a outubro de 2019 em um complexo hospitalar situado na região central do estado de Minas Gerais. Com amostra final de 29 enfermeiros. Houve aumento na média geral de acertos entre pré e pós-teste de 55,5%, com índice de assertividade de 55,1% na categorização do déficit do estudo de caso, após aplicação da escala. Concluiu-se que houve aumento no nível de conhecimento sobre a escala NIHSS, sua importância e aplicabilidade como forma de qualificar a assistência de enfermagem.

**Palavras-chave:** Acidente Vascular Cerebral; Cursos de treinamento; Educação em enfermagem; Cuidados críticos; Tratamento de emergência.

## Introdução

O Ministério da Saúde (2015), relata que as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) causaram 51,6% de óbitos entre pessoas de 30 a 69 anos no Brasil. São as chamadas DCNT: doenças metabólicas (diabetes e obesidade), câncer, doenças respiratórias (bronquite, asma e rinite), hipertensão arterial (HAS) e acidente vascular cerebral (AVC), sendo que as doenças cerebrovasculares representam mais de 50% das internações por desordens neurológicas em hospitais (FONSECA 2016). Todas essas doenças são atendidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), desde promoção a saúde, prevenção e tratamento da doença. Dessa maneira, o SUS recebe e trata essas emergências clínicas, dentre elas o AVC.

O DATASUS informa que no período compreendido entre 2009 e 2015 foram registradas no Brasil cerca de 170.000 internações por ano devido AVC, com um percentual de óbito intra-hospitalar em torno de 17%, gerando aproximadamente

80.000 mortes anuais em território nacional (BRASIL, 2019). Acerca do prognóstico dos pacientes que sofreram AVC, a taxa de mortalidade após o evento é de 23% na primeira semana, 31% nas próximas três semanas e 48% antes de completar o primeiro ano (SANTOS, 2017).

Segundo Barcelos et al (2016), o AVC é uma patologia de origem vascular que afeta o sistema nervoso central sendo classificado em Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi) e Acidente Vascular Cerebral hemorrágico (AVCh). Em ambos ocorre perda súbita de perfusão sanguínea adequada na área cerebral lesada, por mecanismos fisiopatológicos diferentes no AVCi devido a oclusão do vaso por trombo ou por ruptura de vaso sanguíneo no AVCh.

Além da elevada mortalidade deve se considerar as consequências biopsicossociais inerentes ao indivíduo vítima de AVC, pois caso sobreviva existe a possibilidade de sequelas motoras, cognitivas, comportamentais e emocionais, pois a doença segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2019) é a principal causa de incapacidade entre adultos no mundo.

Cerca de 30 a 40% dos sobreviventes são impedidos de voltar ao trabalho e requerem algum tipo de auxílio no desempenho de atividades básicas de vida. Em um levantamento do SUS, evidenciou-se que 70% dos pacientes que sofreram AVC foram incapazes de retornar ao seu trabalho e 30% precisavam de auxílio para caminhar. Entre a faixa etária dos 20 aos 59 anos demonstrou-se que cerca de 80% dos pacientes vítimas da doença referiam algum tipo de déficit funcional persistente, sendo que 70% ficaram desempregados ou foram aposentados precocemente, gerando custo elevado para sociedade e para previdência social. (FONSECA, 2016).

Com base nos dados do departamento de neurologia do Complexo Hospitalar da região metropolitana e central de Minas Gerais no qual se realizou esta pesquisa, entre o período de janeiro de 2008 a janeiro de 2019 houve um total de 3.379 internações para tratamento de AVC na instituição, sendo que destes 1.680 foram do sexo feminino e 1.699 do sexo masculino. Somente no mês de janeiro de 2019 foram internados na instituição 40 pacientes para tratamento desta moléstia equivalendo a 20,3% da taxa de ocupação de leitos.

O AVC tem sido objeto de pesquisa da enfermagem, pois perante a sua prática clínica o adoecimento causado por essa patologia exige cuidado especializado (MANIVA e FREITAS, 2012). Nesta interface é possível inferir que tal

situação emergencial exige abordagem e treinamento da equipe multiprofissional. No atendimento hospitalar o enfermeiro como integrante da equipe é responsável pelo acolhimento e triagem do paciente, bem como o cuidado especializado que abrange realizar monitorização hemodinâmica não-invasiva (sinais vitais), administrar medicações conforme prescrição médica, aferir de glicemia capilar, ofertar oxigenoterapia e auxiliar na intubação oro-traqueal se necessário, atentar para coleta de exames laboratoriais e encaminhamento do paciente à tomografia computadorizada (TC) o mais breve possível e monitorar o seu estado neurológico (OLIVEIRA-FILHO et al, 2012).

A National Institute of Neurological Disorders and Stroke (NINDS) recomenda a aplicação da escala National Institutes of Health Stroke Scale (NIHSS) para a avaliação neurológica do paciente acometido por AVC. A escala National Institutes of Health Stroke Scale (NIHSS) foi desenvolvida em 1989 com o objetivo de dimensionar a magnitude do déficit causado pelo AVC por meio de uma série de avaliações sistemáticas executadas por médicos e/ou enfermeiros (BROTT et al., 1989). A mensuração da escala NIHSS se dá por meio de 11 itens: nível de consciência, desvio ocular, paralisia facial, linguagem, fala, desatenção/extinção, função motora e sensibilidade dos membros e ataxia (BRASIL, 2013). É de rápida e fácil aplicação com duração média entre 5 e 8 minutos, confiável para embasar a conduta dos profissionais frente ao paciente (MORO e CABETTE-FÁBIO, 2009). Em casos de AVCi, ainda auxilia na detecção precoce de pacientes com chances aumentadas de desenvolver hemorragia intracraniana posterior ao uso de trombolítico (BRITO et al, 2013). Pode ser aplicada na sala de emergência, Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e unidades de AVC, desde admissão do paciente até sua alta hospitalar (MORO e CABETTE-FÁBIO, 2009). Moro e Cabette-Fábio 2009, aborda sobre a limitação apresentada pela escala:

“[...] a NIHSS pode medir a severidade de extensão das lesões no hemisfério direito diferentemente do esquerdo. Assim, considera-se que a escala tende a subestimar a extensão da lesão no hemisfério cerebral direito (cerca de 6 pontos a menos) em relação ao hemisfério esquerdo. Diante disso, a pontuação mínima basal para lesão extensa do hemisfério esquerdo é 20 e do direito é 15”.

A escala NIHSS apesar de ser um instrumento amplamente difundido no mundo, comprovadamente útil e eficaz nos casos de AVC, por não ser protocolo institucional, não é aplicada como rotina diária de avaliação do enfermeiro nos setores de sala de emergência, politrauma e UTI de um hospital público na região central e metropolitana de Minas Gerais, atualmente a avaliação é subjetiva, podendo assim impactar negativamente no prognóstico do paciente vítima de AVC. Diante do exposto questiona se os enfermeiros assistenciais da sala de emergência, politrauma e UTI conhecem a escala NIHSS, a sua aplicabilidade e importância na abordagem ao paciente com AVC.

Atualmente a enfermagem busca se afirmar como ciência por meio da prática baseada em evidências amparando-se em conhecimento científico para transformar e qualificar a assistência ao paciente. Camargo et al (2017), afirma que o cenário da maioria dos hospitais brasileiros consiste em reproduzir modelos já instituídos e pouco se estimula a pesquisa. Os que se configuram como hospitais públicos de ensino incentivam a pesquisa entre os profissionais assistentes e gerentes, dessa maneira tende a solucionar os problemas trazidos pelas demandas locais influenciando positivamente a qualidade da assistência prestada. Respalado na afirmação de Camargo et al (2017), o objetivo do presente estudo foi capacitar os enfermeiros nos setores supracitados para aplicação da escala NIHSS e avaliar seu conhecimento como forma de qualificar a assistência de enfermagem ao paciente com AVC.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa survey, descritiva, transversal e de natureza intervencionista, realizado no período de março a outubro de 2019, com os enfermeiros dos setores de sala emergência, politrauma e UTI adulto de um hospital geral público de grande porte, situado na região central e metropolitana do estado de Minas Gerais. Esses setores foram escolhidos por se tratarem do campo prático de atuação da residência multiprofissional em urgência e trauma, além de serem setores que lidam diretamente com a fase aguda do AVC período de maior criticidade e desfecho da doença, exigindo uma avaliação rápida e criteriosa da equipe.

A amostra inicial constituiu-se de 47 enfermeiros que assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e foram capacitados, porém houve perda amostral de 18 participantes, que foram excluídos por desistir durante o processo, não responder os instrumentos de avaliação completamente ou estar ausente devido a férias ou licença médica.

A pesquisa transcorreu em quatro etapas: pré-teste, capacitação, pós-teste e confecções de Procedimento Operacional Padrão (POP) e documentos para avaliação do paciente. Sendo que os dados foram coletados durante o pré e pós-teste.

O pré-teste foi composto de 12 questões, com as seguintes finalidades de 1 a 4 categorizou a amostra, 5 a 9 de múltipla escolha avaliou o conhecimento prévio em relação a escala NIHSS e a questão 10 de resposta livre a habilidade do profissional para o reconhecimento do AVC, aplicação da escala e conduta de enfermagem através de estudo de caso, o qual nessa etapa de pré-teste foi opcional a resposta e por fim ainda contemplava uma questão de opinião sobre a necessidade de capacitação abordando o tema proposto. Em seguida ocorreu capacitação individual nos setores de atuação dos profissionais com explanação da importância, uso correto e execução da escala no período de agosto a outubro. Posteriormente foi aplicado o pós-teste constituído de 6 questões idênticas ao pré-teste com exceção da categorização amostral, sendo 1 a 5 de múltipla escolha com finalidade de estabelecer um comparativo para analisar a efetividade da capacitação, nessa etapa de pós-teste a questão 6 de resposta livre que avaliava a habilidade do profissional para o reconhecimento do AVC, aplicação da escala e conduta de enfermagem através de estudo de caso, foi de resposta obrigatória e por fim ainda contemplava uma questão de opinião sobre a avaliação da capacitação. Na última etapa da pesquisa foram confeccionados POP para consulta dos profissionais e check-list para registro e avaliação dos pacientes sendo apresentados à coordenação geral de enfermagem e entregue posteriormente às coordenações da UTI e pronto-socorro para implementação da escala NIHSS aplicada pelo enfermeiro em sua prática assistencial no momento oportuno.

As informações coletadas foram digitadas em um banco de dados no programa SPSS versão 23.0. Procedeu-se análise quantitativa e descritiva dos

dados, utilizando teste de Teste T de amostras emparelhadas obtendo nível de significância  $p < 0,05$ .

Essa pesquisa foi aprovada pelo CEP da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (CEP – FHEMIG) sob CAAE: 16758619.3.0000.5119.

## Resultados e discussão

A amostra inicial constituiu-se de 47 enfermeiros, com média de idade de 39 anos, sendo 72,3% do sexo feminino, o percentual de 44,6% com tempo de atuação nos setores por mais de 5 anos e quanto ao nível de escolaridade 63,8% possui especialização.

**Quadro 1.** Caracterização amostral dos enfermeiros. Cidade da região central e metropolitana do estado de Minas Gerais, Brasil, 2019. ( $n=47$ ).

Variável	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	34	72,34
Masculino	13	27,65
<b>Grau de instrução</b>		
Bacharelado	14	29,78
Especialização	30	63,82
Mestrado	2	4,25
Doutorado	-	-
Não respondeu	1	2,12
<b>Tempo de atuação no setor</b>		
< 6 meses	6	12,76
6 meses a < 2 anos	10	21,27
2 anos a 4 anos	10	21,27
>5anos	21	44,68

Fonte: Dados da pesquisa

Esses dados corroboram com os resultados da pesquisa da Fiocruz (2015) em parceria com o Conselho Federal de Enfermagem (CONFEN), que traçou o perfil da enfermagem brasileira, apontando predominância do sexo feminino 86,2%, alta porcentagem de especialização 72,8% e maioria com tempo de atuação profissional em torno de 5 anos 27,7%.

A enfermagem sempre se mostrou reconhecida como primeira profissão universitária com maior número de mulheres, indicando uma ideia de feminização da profissão, talvez pelo fato de estar centrada no pilar do cuidado característica mais inerente ao gênero feminino por determinismo social ao longo dos anos. Entretanto

vale ressaltar que os homens vêm buscando esta área de atuação e sua participação têm aumentado consideravelmente. (PAULA; GUSMÃO; MAIA, 2017)

Segundo Viana et al (2014) setores que lidam com situação de urgência e emergência constantemente exigem do enfermeiro capacidade de lidar com situações complexas com agilidade e precisão, demandando competência para articular as informações, construir julgamentos e estabelecer as prioridades, isto requer qualificação do profissional, além de tempo de atuação o que leva ao desenvolvimento de expertise. Esse fato vem de encontro aos resultados desta pesquisa que apontaram profissionais especialistas com tempo considerável de atuação nos setores de sala de emergência, politrauma e UTI.

**Quadro 2.** Respostas no pré e pós-teste da capacitação dos enfermeiros. Cidade da região central e metropolitana do estado de Minas Gerais, Brasil, 2019.

Pré-teste (n=47)								
Questões	Acertos		Erros		Desconhece		Me	DP
	n	%	n	%	n	%		
1.Finalidade da escala	34	72,3	0	0	13	27,6	0,72	0,45
2.Profissionais que podem aplicá-la	13	27,6	19	40,4	15	31,9	0,28	0,45
3.Quantidade de itens avaliados pela escala	12	25,5	3	6,3	32	68,0	0,26	0,44
4. Pontuação da escala	11	23,4	4	8,5	32	68,0	0,23	0,42
5. Itens avaliados pela escala	20	42,5	12	25,5	15	31,9	0,43	0,50
Estudo de caso - Categorização do déficit	0	0	12	25,5	35	74,4	0	0
Pós-teste (n=29)								
Questões	Acertos		Erros		Desconhece		Me	DP
	n	%	n	%	n	%		
1.Finalidade da escala	29	100	0	0	0	0	1	0
2.Profissionais que podem aplicá-la	21	72,4	8	27,5	0	0	0,72	0,45
3.Quantidade de itens avaliados pela escala	28	96,5	1	3,4	0	0	0,97	0,19
4. Pontuação da escala	29	100	0	0	0	0	1	0
5. Itens avaliados pela escala	29	100	0	0	0	0	1	0
Estudo de caso - Categorização do déficit	16	55,1	13	44,8	0	0	0,55	0,50

Fonte: Dados da pesquisa

A amostra final foi constituída de 29 enfermeiros os quais atenderam os critérios de inclusão da pesquisa.

Após a capacitação houve aumento na média geral de acertos entre pré e pós-teste de 55,5%, ocorreu redução na média geral de erros entre o pré e pós-teste de 10%. Em estudo similar conduzido por Santos et al (2017) em uma UPA no centro-oeste do Estado de Minas Gerais, observou-se aumento de 36,6% da média geral de acertos das questões após treinamento dos enfermeiros sobre avaliação de pacientes com AVC.

Durante a abordagem inicial aos enfermeiros 6,3% alegaram conhecimento prévio da escala, contra um percentual de 50,3% que assinalaram desconhecer o abordado pelo questionário durante aplicação do pré-teste. Marques et al (2017) ressalta a importância da realização de capacitação, pois o enfermeiro deve ser apto a conduzir e prestar assistência especializada ao paciente vítima de AVC.

As questões 1, 4 e 5 que abordava respectivamente sobre finalidade, pontuação e itens específicos avaliados pela escala tiveram 100% de acerto no pós-teste, a questão 3 referente a quantidade de itens avaliados pela escala teve 71% de acerto no pós-teste, demonstram efetividade da capacitação. A questão 2 teve menor redução nos índices de erros com percentual de 12,9% se comparados pré e pós-teste, esta abordava sobre os profissionais que aplicam a escala. A diretriz que estabelece a linha de cuidado para paciente com AVC ressalta a aplicação da escala NIHSS por médicos e enfermeiros principalmente por serem esses profissionais que ficarão mais próximos nos cuidados desde admissão até a alta hospitalar e durante trombólise se necessário (BRASIL, 2013).

Com relação a questão 1 do estudo de caso que se referia a hipótese diagnóstica do AVC, os enfermeiros que responderam o pós-teste demonstraram segurança em reconhecer os sinais e sintomas dessa patologia. Em pesquisa dirigida por Carneiro et al (2015), que avaliou o conhecimento dos enfermeiros acerca da sintomatologia do Acidente Vascular Cerebral (AVC), concluiu que os pesquisados souberam reconhecer os principais sinais e sintomas da doença.

Quanto a pergunta número 2 do estudo de caso relacionada categorização do déficit após aplicação da escala NIHSS houve um índice de assertividade de 55,1% no pós-teste. Evidenciou-se que nenhum dos enfermeiros abordados inicialmente no pré-teste tinham conhecimento suficiente sobre a escala, a ponto de responder essa questão corretamente. Para Santos (2019), compreender e aplicar corretamente a escala impacta diretamente não só nas etapas de diagnósticos e planejamento de enfermagem, mas também no acompanhamento e prognóstico do paciente.

O quadro a seguir, diz respeito a questão 3 quanto as principais condutas citadas pelos enfermeiros para manejo desses pacientes.

**Quadro 3.** Principais condutas de enfermagem. Cidade da região central e metropolitana do estado de Minas Gerais, Brasil, 2019.

<b>Cuidados de enfermagem</b>	<b>n</b>
Monitorização contínua de sinais vitais	12
Cabeceira 0°	4
Avaliar trombólise	1
Acesso venoso periférico calibroso	5
Comunicação a equipe de fisioterapia para reabilitação	1
Realizar neurocheck	3
Aplicação da escala NIHSS	12
Tomografia de crânio precoce	6
Agilizar exames laboratoriais	4
Realizar eletrocardiograma	1
Repouso do leito	2
Comunicar equipe médica na fase diagnóstica e/ou complicações	5
Aferir glicemia capilar	1
Oxigenoterapia se necessário	1

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo Carneiro et al (2015), as principais condutas emergenciais do enfermeiro deve ser verificar sinais vitais (SSVV), avaliar situação neurológica com escala específica do AVC, verificar permeabilidade de vias aéreas, respiração e circulação, informar-se sobre o 'ictus' dos déficits para provável trombólise devido tempo porta-agulha, agilizar exame de tomografia computadorizada (TC), ofertar oxigenoterapia se saturação de oxigênio <92%, aferir glicemia capilar, manter o doente no leito com cabeceira a 30°. Apesar da maior parte das condutas citadas pelos enfermeiros corroborarem com a literatura é preocupante o quantitativo individual de respostas, uma vez que foram 29 participantes.

Vale destacar que a aplicação da escala NIHSS para avaliação neurológica, foi mencionada durante o pré-teste por uma taxa de 4,1% como conduta de enfermagem especializada para pacientes com AVC, esse percentual subiu para 41,3% no pós-teste.

Observou-se que nenhum dos enfermeiros mencionou a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) para embasamento científico no processo de enfermagem. Apontando para uma desvinculação com a SAE, dificuldade na

elaboração e hierarquização de cuidados de enfermagem que contemplem a integralidade das necessidades de paciente vítima de AVC.

Trazida ao Brasil em 1970 por Wanda Horta, o exercício privativo da SAE faz com que o enfermeiro individualize o cuidado qualificando a assistência prestada, porém há empecilhos para sua implementação nas instituições que vai desde desconhecimento da direção dos hospitais, dos próprios profissionais em relação a aplicação, sobrecarga de trabalho até a resistência a mudança (MARINELLE et al, 2015). Nos resultados publicados na pesquisa de Castro et al (2016) os enfermeiros demonstraram insuficiência de conhecimentos teóricos básicos específicos para utilizar em sua prática clínica a taxonomia diagnóstica e os cuidados da enfermagem, mostrando uma relação de dependência do diagnóstico médico e o estabelecimento do raciocínio diagnóstico de enfermagem. Salienta-se que as necessidades do paciente, levantados pelo enfermeiro diferenciam-se dos levantados pela equipe médica, embora os métodos utilizados para sua identificação e o uso de categorias diagnósticas sejam semelhantes.

Foram favoráveis a realização da capacitação 93,6% dos participantes e 96,5% relataram que a capacitação foi relevante e impactará positivamente sua prática assistencial. Vieira e Cruz (2012) destacam que o processo de educação em saúde visa o desenvolvimento crítico e reflexivo da realidade de maneira a propor ações que aumentem a qualidade no ato de cuidar de si e do próximo e reconheçam as fragilidades envolvidas, nesse sentido essa pesquisa revela a importância e necessidade da educação permanente e atualização profissional constante, principalmente dos enfermeiros que trabalham em setores críticos e lidam cotidianamente com emergências clínicas como AVC, exigindo um conhecimento bem fundamentado para promover uma melhor qualidade de assistência ao paciente.

## **Conclusão**

O AVC é uma emergência cerebrovascular e está entre as patologias com maiores índices de morbimortalidade no Brasil e no mundo, sendo uma realidade constante no exercício profissional dos enfermeiros dos setores de sala de emergência, politrauma e UTI do hospital onde foi realizada esta pesquisa, exigindo uma base de conhecimento sólidos e bem fundamentados desses profissionais para uma assistência de qualidade e melhor prognóstico do paciente, através do monitoramento neurológico pela escala NIHSS e elaboração de um plano de cuidados de enfermagem bem estruturado.

Para tal é fundamental que o enfermeiro se responsabilize pela educação contínua da sua equipe e de si próprio, almejando sempre melhorar a sua assistência através de práticas baseadas em evidências e que valorizem sua categoria profissional.

Mesmo com perda amostral de 18 participantes os resultados da pesquisa foram satisfatórios e demonstram que houve aumento no nível de conhecimento sobre a escala NIHSS, sua importância e aplicabilidade como forma de qualificar a assistência de enfermagem.

É sabida a existência de pacientes vítimas de AVC em outras unidades da instituição bem como de enfermeiros que prestam assistência nesses locais, além do fato do Hospital no qual a pesquisa foi realizada está em fase de credenciamento junto ao Ministério da Saúde para se tornar referência regional no atendimento ao AVC com possibilidade de abertura de uma unidade de AVC na instituição, neste sentido todos poderiam se beneficiar da utilização da escala. Por tanto como proposta futura sugere-se replicação desse estudo em todas as unidades da instituição para uma análise quantitativa do conhecimento dos enfermeiros acerca da escala NIHSS, sua importância e aplicabilidade ao paciente vítima de AVC.

## Referências

BARCELOS, Diego Gomes de; SANTOS, Carolina Magalhães dos; MANHÃES, Letycia Sardinha Peixoto; AZEVEDO, Aline Siqueira de. Atuação do enfermeiro em pacientes vítimas do acidente vascular encefálico hemorrágico na unidade de terapia intensiva. *Perspectivas online: Biológicas & saúde*, v.6, n. 22, pp. 41-53, 2016. Disponível em: [http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas\\_e\\_saude/article/view/1097](http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/view/1097) . Acesso em 18 mar. 2019.

BOTELHO, Thyago de Sousa; MACHADO-NETO, Célio Diniz; ARAÚJO, Felipe Longo Correia de; ASSIS, Samara Campos de. Epidemiologia do acidente vascular cerebral no Brasil. *Temas em Saúde*, vol. 16, n.2, 2016. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2016/08/16221.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> . Acesso em: 28 mar. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. Disponível em <http://saude.gov.br/datasus>., 2019.

BRITO, Renan Guedes de; LINS, Livia Cristina Rodrigues Ferreira; ALMEIDA, Camila Danielle .Aragão; RAMOS-NETO, Edmilson de Souza; ARAÚJO, Doralúcia Poderosa de; FRANCO, Carlúcia Ithamar Fernandes. Instrumentos de Avaliação Funcional Específicos Para o Acidente Vascular Cerebral. *Revista de neurociência*, v.21, n.4, pp.593-599, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17540978-Para-o-acidente-vascular-cerebral.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BROTT, Thomas et al. Measurementsofacute cerebral infarction: a clinicalexamination scale. *Stroke*, v.20, n.7, pp. 864-870, 1989. Disponível em: <https://www.ahajournals.org/doi/pdf/10.1161/01.STR.20.7.864>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CAMARGO, Fernanda Carolina; IWAMOTO, Helena Hemiko; GALVÃO, Cristina Maria; MONTEIRO, Damiana Aparecida Trindade; GOULART, Mayla Borges; GARCIA, Luan Augusto Alves. Modelos para a implementação da prática baseada em evidências na enfermagem hospitalar: revisão narrativa. *Texto & Contexto Enfermagem*, vol. 26, núm. 4, 2017, pp. 1-12. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n4/0104-0707-tce-26-04-e2070017.pdf>. 28 mar. 2019.

CARNEIRO, Rithianne Frota; CARNEIRO, Verydianna Frota; CUNHA, Lilian Gomes Pereira da; NASCIMENTO-PAULA, Ana Cláudia do; DIAS; Maria Januária Castelo; COUTINHO; Ana Raquel Lacerda. Conhecimento dos enfermeiros acerca da sintomatologia do acidente vascular encefálico. *Revista Tendências da Enfermagem Profissional*, v.7, n.1, p. 1475-1480, 2015. Disponível em: <http://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2015/12/retep-7-1-web.pdf>. Acesso em 02 dez 2019.

CASTRO, Révia Ribeiro; ALVINO, Antônia Liria Feitosa Nogueira; ROUBERTE, Emília Soares Chaves; MOREIRA, Rafaella Pessoa; OLIVEIRA, Radaelle Lopes de. Compreensões e desafios acerca da sistematização da assistência de enfermagem. **Revista enfermagem UERJ**, v.24, n.5, p.104-61, 2016; Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-948047>. Acesso em 02 dez 2019.

FONSECA, Ana Rosa Ribeiro. **Impacto socioeconômico do acidente vascular cerebral no estado de Roraima**: um estudo de coorte de base populacional. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) Universidade Federal de Roraima, 2016. Disponível em: <https://www.revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/215>. Acesso em: 18 nov. 2019

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); Conselho Regional de Enfermagem (COFEN). Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem. [Internet]. 2015. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem\\_31258.html](http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html). Acesso em 02 dez 2019.

MANIVA, Samia Jardelle Costa de Freitas; FREITAS, Consuelo Helena Aires de. Cuidado de enfermagem no adoecimento por acidente vascular encefálico: revisão integrativa da literatura brasileira. **Revista Eletrônica de Enfermagem** [Internet], vol.14, núm 3, jul/set 2012, pp. 679-89. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v14/n3/pdf/v14n3a26.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019

MARINELLE, Natália Pereira; SILVA, Allynne Rosane Almeida da; SILVA, Déborah Nayane de Oliveira. Sistematização da Assistência de Enfermagem: desafios para a implantação. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v.4, n.2, p. 254-263, 2015. Disponível em: <file:///D:/Nova%20pasta/523-3089-1-PB.pdf> Acesso em 18 nov. 2019.

MARQUES, Cleidinaldo Ribeiro de Goes; FERRARI, Yasmim Anayr Costa; OLIVEIRA, Carla Grasiela Santos de Abreu. Atuação do enfermeiro no acidente vascular encefálico: Uma revisão integrativa. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, v. 4, n. 2, p. 127-142, 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/caderno-biologicas/article/view/4599>. Acesso em 18 nov. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de rotinas para atenção ao AVC. 2013.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.

MORO, Carla Heloisa Cabral; CABETTE, Soraia Ramos Fábio; (Coordenadoras). **Escalas de avaliação**. Apostila do curso de Programa de aperfeiçoamento continuado no tratamento do Acidente Vascular Cerebral (Pacto-AVC) da Sociedade Brasileira de Doenças Cerebrovasculares, 2ª edição, 2009. Disponível em: <http://acao-avc.org.br/admin/wp-content/uploads/2018/01/13.-Apostila-Pacto-AVC-M%C3%B3dulo-03.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019

OLIVEIRA-FILHO, Jamary; MARTINS, Sheila Cristina Ouriques; PONTES-NETO, Octávio Marques; LONGO, Alexandre; EVARISTO, Eli Faria; CARVALHO, João José Freitas de; FERNANDES, Jefferson Gomes; ZÉTOLA, Viviane Flumignan; GAGLIARDI, Rubens José; VEDOLIN, Leonardo; FREITAS, Gabriel Rodríguez de. Guidelines for acute ischemic stroke treatment: part I. **Arquivo Neuro-Psiquiatria**, vol.70, n.8, pp.621-629, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X2012000800012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2012000800012)

PAULA, Alessandra André de; GUSMÃO, Andressa Martins; MAIA, Luiz Faustino dos Santos. Avaliação do perfil dos trabalhadores da enfermagem em pronto socorro. **Rev Recien**, v.19, n.7, p. 28-38, 2017. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/180>. Acesso em 02 dez 2019.

SANTOS, Johnny Vitor Sbampato dos; MELO, Elaine Aparecida de; SILVEIRA, Jaime Lopes; VASCONCELOS, Nathália Nascimento; LIMA, Maira de Castro; DAMÁZIO, Laila Cristina Moreira. Os efeitos da capacitação de enfermeiros sobre avaliação de pacientes com acidente vascular cerebral. **Revista de enfermagem UFPE online**, v.11, n.5, pp.1763-1768, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/23321/18906> Acesso em 19 mar. 2019.

SANTOS, Josy Erika Cabral Dos; ZAGO, Karine Santana de Azevedo. Cuidados de enfermagem para pacientes com acidente vascular cerebral agudo em tratamento de trombólise: Uma revisão narrativa. 2019. 31f. **Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26780/3/CuidadosEnfermagemPara.pdf> . Acesso em 02 dez 2019.

VIANA, Renata Andrea Pietro Pereira; VARGAS, Mara Ambrosina de Oliveira; CARMAGNANI, Maria Isabel Sampaio; TANAKA, Luiza Hiromi; LUZ, Kely Regina da; SCHMITT, Pablo Henrique. Perfil do enfermeiro de terapia intensiva em diferentes regiões do Brasil. **Texto & Contexto Enfermagem [online]**, v.23, n.1, p.151-9, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71430666018ISSN0104-0707> . Acesso em 02 dez 2019.

VIEIRA, Mirela Cristina; CRUZ, Rosilene Aparecida. A importância da educação continuada/permanente na área da saúde de no setor de enfermagem. **Revista Uninga**, v.31, n.1, 2017. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1011>. Acesso em 02 dez 2019.

World Health Organization - **WHO**. Stroke, Cerebrovascular accident. Disponível em: [http://www.who.int/topics/cerebrovascular\\_accident/en/2019](http://www.who.int/topics/cerebrovascular_accident/en/2019) . Acesso em 18 nov. 2019.

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 05/2020

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424